

O fantasma exorcizado reaparece: a dívida externa cresce 43% e já atinge US\$ 176 bi

Juros e amortizações custaram US\$ 27 bi em 96 e devem atingir US\$ 33 bi este ano

Rossana Alves

• **BRASÍLIA.** Depois de exorcizar o fantasma da crise da dívida no início dos anos 90, o Brasil entrou em novo ciclo de endividamento externo. Nos últimos seis anos, a dívida externa brasileira cresceu 43%, saltando de US\$ 123,4 bilhões em 1990 para US\$ 176,2 bilhões no fim do ano passado. O crescimento agrava a dependência externa e traz instabilidade para o país, que tem gerado cada vez mais dólares para pagar os juros e amortizações.

Os números do Banco Central comprovam que os gastos com o pagamento de créditos externos estão crescendo de forma exponencial. No início da década, o país gastava US\$ 6,7 bilhões por ano com juros e US\$ 5,3 bilhões com amortizações da dívida; no ano passado, a despesa já tinha mais que dobrado. O país mandou ao exterior US\$ 12,5 bilhões de juros e US\$ 14,5 bilhões para pagar o principal, e a expectativa para 97 é de que o gasto total ultrapasse US\$ 33 bilhões.

— O país está se endividando sem gerar produção nem excedentes exportáveis que permitam no futuro pagar a dívida — diz o deputado Delfim Netto (PPS-SP).

Desta vez, quem se endivida são as empresas privadas

Ao contrário do que ocorreu nos anos 70 e 80, não são os governos federal, estaduais e municipais que estão se endividando. A dívida do setor público vem caindo gradualmente a partir de 92, quando foi trocada por bônus de longo prazo. No ano passado, o estoque de dívida pública de longo prazo chegou a US\$ 88,7 bi-



ALTAMIR LOPES, do BC: sem preocupação, por causa dos investimentos externos

lhões, depois de ter atingido US\$ 100 bilhões no início da década.

O que tem crescido é o endividamento das empresas privadas. Assustados com os altos juros internos e estimulados pelo próprio Governo, bancos e empresas têm obtido empréstimos externos a taxas bem mais baixas. Para isto, lançam papéis nos mercados americano e europeu. A busca por dólares tem sido tão intensa que em apenas um ano — do fim

de 95 para o fim de 96 — a dívida de longo prazo do setor privado aumentou 42,3%, de US\$ 37,9 bilhões para US\$ 53,9 bilhões.

— O Brasil está ampliando de forma excessivamente rápida o seu passivo externo — diz o professor da FGV, Paulo Nogueira Batista Júnior.

Já o chefe do Departamento Econômico do BC, Altamir Lopes, garante que não há motivo para preocupação. Ele argumenta que,

nos últimos anos, o país está dependendo cada vez menos dos empréstimos externos, porque têm aumentado muito os investimentos estrangeiros:

— Hoje, os investimentos diretos cobrem 42% do déficit no balanço de pagamentos.

Ele lembra que há um imenso volume de dinheiro no sistema financeiro internacional e, por isso, as empresas têm conseguido rolar empréstimos com juros menores e prazos maiores que há três ou cinco anos atrás. Em 92, o prazo médio era de três anos e o custo global estava entre 11,5% e 12% ao ano. No primeiro trimestre deste ano, a média de prazo já tinha chegado a oito anos e os juros à faixa de 9,7%.

Nogueira e Delfim advertem: liquidez externa pode acabar

Mas para Nogueira Batista e Delfim, a alta dos juros nos EUA é sinal de que o cenário de grande liquidez internacional está prestes a mudar, e rolar os empréstimos ficaria mais difícil.

— Enquanto o mercado tiver disposição para emprestar, não há grande problema. Mas na primeira crise, o Brasil terá que pagar de volta o que pediu emprestado e aí a situação ficará complicada — prevê Delfim.

Nogueira Batista vai além. Para ele, até mesmo o crescimento dos investimentos estrangeiros diretos pode trazer problemas futuros. Isto porque tende a aumentar a remessa de lucros e dividendos pelas empresas estrangeiras no país. No primeiro trimestre do ano, por exemplo, as remessas chegaram a US\$ 1,4 bilhão, mais que o dobro dos US\$ 681 milhões do mesmo período de 1996. ■

Sergio Marques